

BIBLIOGRAFIA

I

LIVROS

Glossário Luso-Asiático por Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, Professor de Sânscrito na Universidade de Lisboa, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2 volumes, 1919-1921.

A *Revista Lusitana* orgulha-se de poder arquivar nas suas colunas os quatro documentos seguintes, que concernem a uma obra com que um dos mais insignes colaboradores d'ela, Monseñor SEBASTIÃO DALGADO, enriqueceu recentemente, e honrou, a nossa literatura scientifica.

J. L. DE V.

I.

(Artigo de A. Meillet, Professor do Collegio de França: saiu no *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, t. XXI, 2.^o fasc., n.^o 67, e respeita ao vol. I do *Glossario*).

Mgr. S. R. Dalgado, qui enseigne le sanskrit à l'Université de Lisbonne, s'est fait une spécialité de l'étude des rapports de vocabulaire entre les langues de l'Inde et le portugais — et par là des langues européennes. On connaît déjà notamment ses utiles *Contribuições para a lexiologia luso-oriental* qu'a publiées l'Académie de Lisbonne en 1916, et où il a étudié à fond un certain nombre d'expressions empruntées. Il reprend maintenant tout l'essentiel du sujet en un dictionnaire, dont le volume annoncé ici est la première moitié et qui sera pour le portugais, l'équivalent de ce qu'est pour l'anglais le livre de Yule et de Burnell, intitulé *Hobson-Jobson*. Les renseignements fournis sont riches, et le livre de Mr. Dalgado sera l'un des outils désormais indispensables aux savants qui voudront étudier les sources du vocabulaire européen moderne.

A. MEILLET.

2.

(Artigo de J. Bloch, da Sociedade Asiatica de Paris, publicado no *Journal Asiatique*, fasciculo de Novembro-Dezembro de 1919; respeita ao volume 1.º do *Glossario*).

Tous les orientalistes connaissent et savourent le *Hobson-Jobson*, ce recueil d'abord destiné dans la pensée des auteurs à expliquer les mots indiens entrés dans le langage courant des coloniaux, et devenu un répertoire d'une richesse et d'un intérêt uniques portant sur toute l'histoire des rapports entre l'Europe et l'Extrême-Orient. Mgr. Dalgado acceptera volontiers que l'on mentionne d'abord cet ouvrage en signalant ses travaux, car il se plaît à reconnaître tout ce qu'ils lui doivent, et c'est aussi le moyen d'indiquer immédiatement leur objet.

Que le *Hobson-Jobson* puisse être enrichi et varié, cela découle de sa nature même; et Mgr. Dalgado a toute raison de le reprendre du point de vue portugais. A vrai dire, son dessein est légèrement différent: il ne cherche pas à éclaircir l'histoire des mots ou des objets qu'ils désignent: son travail est avant tout une recherche de lexicologie portugaise. A ce point de vue il intéressera particulièrement les études romanes, et en particulier les études françaises — car un bon nombre de mots coloniaux du français viennent directement du portugais. Mais l'orientaliste y trouvera son profit, car dans les articles correspondant à ceux du *Hobson-Jobson*, les textes portugais sont souvent plus nombreux; et surtout on trouvera ici un grand nombre de mots que le *Hobson-Jobson* ne donne pas, ou donnait de façon différente. On sait en effet que les Portugais ont précédé les autres Européens en Extrême-Orient; par la conquête et surtout par le commerce et par la propagande religieuse ils ont pris contact intime avec la population; le portugais est devenu la langue commune de tous les ports de l'Inde et de l'Extrême-Orient, et a survécu à la domination portugaise: de nos jours encore, on signale à Ceylan un dialecte indo-portugais, parlé par des gens qui n'ont pas une goutte de sang portugais dans les veines, et dont Mgr. Dalgado a donné jadis une étude ⁽¹⁾; quant aux vocables portugais entrés dans les parlers d'Extrême-Orient, le nombre en est assez grand pour qu'il ait pu consacrer un volume

(1) *Dialecto indo-português de Ceylão*, Lisbonne, 1900.

à les collectionner ⁽¹⁾; un grand nombre en a passé dans d'autres langues européennes par l'intermédiaire des colonies: il suffit, par exemple, de rappeler le nom de la caste. On sait enfin que certains mots indigènes ont subi le même transfert par l'intermédiaire du portugais: tels *palanquin*, *mandarin*, sans doute *bambou* dont l'origine vraie reste inconnue, ou *boy*, qui paraît si essentiellement anglais.

Pour tout le détail de cette histoire, histoire des mots et histoire des choses, on n'aura trop de points de repère. Les mots coloniaux ont des histoires très embrouillées; qui peut dire si *veranda* est sûrement un mot de l'Inde ou un mot portugais? De même, *tank*, qui est devenu une notion européenne, est un mot colonial aussi; mais y a-t-il ou non en anglais collusion de deux mots, l'un portugais, l'autre indien? Le mot portugais est-il venu en Angleterre directement ou par l'Inde? Mr. Dalgado a déjà étudié un certain nombre de problèmes de ce genre dans des publications antérieures ⁽²⁾; en réalisant patiemment la vaste littérature des premiers voyageurs, en vérifiant les formes qu'ils donnent, il aura contribué, en même temps qu'à honorer sa langue nationale, à élucider certains points de l'histoire des rapports entre l'Europe et l'Extrême-Orient.

J. BLOCH.

3.

(Artigo do vice-presidente da Real Sociedade Asiática de Londres, M. Longworth Dames, publicado no «Jornal» da mesma sociedade, de Abril de 1921, e respeitante aos dois volumes do *Glossário*).

Esta obra admirável, conquanto traga o modesto título de Glossário, é na realidade um tratado que contém enorme soma de investigações sobre um assunto quasi desprezado. Na Inglaterra conhecemos os estudos de Sir. H. Yule sobre as inter-relações das línguas europeias e orientais nos tempos modernos, dos quais, de sua colaboração clássica com Mr. A. H. Burnell, resultou o *Hobson-Jobson*, mais tarde cuidadosamente reeditado por Mr. W.

(1) *Influencia do vocabulario português em linguas asiaticas*, Coimbre, 1913.

(2) Outre celles déjà mentionnées, relevons les plus récentes: *Contribuições para a lexicologia luso-oriental*, 1916; *Gonçalves Viana e a lexicologia portuguesa de origem asiatico-africana*, 1917 (l'une et l'autre publiées par l'Académie des Sciences de Lisbonne).

Crooke. Mgr. Dalgado encarou o assunto sob o ponto de vista Português, e mostrou-se digno sucessor de Yule. A sua obra não é sómente um «Hobson-Jobson Português», mas alguma coisa mais, por isso que o Português, sob êste ponto de vista, ocupa uma posição diferente das outras línguas europeias. Foi primeiramente, no campo de dar e tomar, o meio pelo qual muitos dos empréstimos Orientais se atingiram. Palavras de origem Malayálam, Tamil, Singalêsa ou Malaia penetraram na Europa pelo canal português e conservam a forma que lhes foi dada pela língua portuguesa. E do mesmo modo, palavras europeias, hoje correntes no Oriente, são derivadas do português, e muitas delas se encontram em uso diário não sómente nas costas onde os Portugueses se estabeleceram, mas em toda a parte da Índia. E não foi sómente neste ponto que o português deixou vestígios, mas êle está largamente representado no mapa da Ásia e em nomes como Bombaim, Calicut, Hooghly, Chittágong, Sião, Malaca ou as Molucas; nós continuamos a empregar as formas por que os nomes vernáculos foram pronunciados pelos primeiros aventureiros Portugueses.

Mgr. Dalgado tem, por isso, um vasto campo de observação diante de si, e êle encontra-se bem aparelhado para a tarefa. Fez um estudo detido e cuidadoso das línguas arianas e dravídicas da Índia e do singalês e malaio, e são únicos os seus estudos dos dialectos do Português que ainda se falam no Oriente. Estes dialectos encontram-se fora dos limites dos actuais dominios Portugueses, como, por exemplo, em Ceilão e Negapatão, e o seu estudo é origem frutífera de ensinamentos.

O campo do *Glossário* é suficientemente vasto para incluir não sómente palavras em uso popular, mas ainda outras espalhadas em obras de sciência e investigação, tais como os termos adoptados não sómente em Português, mas em todas as línguas literárias da Europa, ilustrando as ideias religiosas e filosóficas do Oriente. Estas são, principalmente, tomadas do Sânscrito ou Árabe, e a sua elucidação é certamente necessária aos que estudem os credos e as ideias Orientais e não sejam filólogos ou não estejam familiarizados com as línguas orientais.

Um dos mais úteis aspectos desta obra é a cadeia muito completa de citações, tiradas principalmente, mas não exclusivamente, de escritores portugueses, desde a mais primitiva data da chegada dos Portugueses aos mares orientais até ao presente, a principiar pelo *Roteiro* ou livro da memorável viagem de Vasco da Gama e outras narrativas de viagens antigas, seguidas da

correspondência de Albuquerque, o *Livro* de Duarte Barbosa e as importantes obras dos grandes historiadores do século XVI. São dispostas, como em *Hobson-Jobson*, cronologicamente e com uma grande cópia de demonstrações, indispensáveis ao que estudam o assunto.

Um bom exemplo da forma exaustiva adoptado por Mgr. Dalgado se encontrará na palavra *amouco*, que se deve ler junto com o artigo *a-muck* de *Hobson-Jobson*. O primeiro uso desta palavra em português encontraram Yule e Burnell em Duarte Barbosa (cêrca de 1516) e neste fundamento êles basearam a sua opinião de que a palavra estava já em uso entre os Malaaios em 1511, quando os Portugueses foram pela primeira vez a Malaca; mas Dalgado diz que no original português foi empregada palavra muito diferente (v. g. *ganiço*), e que *amouco* só se encontra na versão hespanhola de data muito posterior. A primeira aparição de *amouco* foi, de facto, nas obras de F. Mendes Pinto, e é referida ao ano de 1540, conquanto o seu livro fôsse escrito depois do seu regresso a Portugal, em 1558. E a citação do historiador Castanheda mostra que em 1551 a palavra *amouco* era ainda considerada derivada da Índia. Citações como estas são muito valiosas, afectando a questão do lugar certo de origem da palavra, e a mesma importância se verifica em muitos outros casos. A opinião de Dalgado é que a última origem da palavra é o sânscrito *amókshya*, mas que tinha sido, como muitos outros termos indianos, adoptado na língua Javanena e dado lugar ao termo *ámoq* e ao verbo *meng-ámoq* em malaio, no qual afinal deslocou o velho termo *ganas*, que os Portugueses representaram sob a forma de *ganiço*.

Outro artigo característico a que se pode aludir é o que se refere à palavra *jangada* (cf. H. J., s. v. *jāngar*). Esta palavra, derivada do Malayalam *changádam* e ultimamente do sânscrito *san-ghatta*, «união ou junção», foi largamente adoptada no português, e é empregada em nada menos de sete sentidos, os quais todos são plenamente illustrados nas citações.

A mesma nota se pode fazer quanto a *pagode* ou *pagoda*, que tinha sido já estudado pelo autor nas suas *Contribuições para a Lexiologia Luso-Oriental* (Lisboa, 1916). Seus vários significados 1), como imagem ou divindade 2), como templo 3), como nome de uma moeda, e 4) como um festival, são todos tratados exaustivamente, indicando-se que o seu primeiro uso no sentido de «templo» se applicou sómente aos lugares de culto duma casta particular no Malabar. No último sentido, de festival ou de assem-

blea popular, o uso da palavra limitou-se aos Portugueses, ao passo que nos sentidos 1) e 2) se espalhou por outras línguas. No primeiro sentido tornou-se obsoleto.

Outro estudo interessante é o que se refere à palavra *macaréu*, refluxo da *maré*, que foi primeiramente empregada pelos Portugueses para descrever o fenómeno bem conhecido do golfo de Cambaia pelos historiadores do século XVI, e depois se estendeu para o descrever noutros lugares. A origem desta palavra e as suas relações com o francês *macrée* ou *mascaret* teem sido assunto de controvérsia e foi já tratado pelo nosso autor na sua referência a Gonçalves Viana ⁽¹⁾ e nas suas *Contribuições para a Filologia Portuguesa* (Lisboa, 1917) ⁽²⁾. Parece, certamente, ser de origem indiana, e é referida ao sânscrito *makara*, crocodilo ou monstro marinho. Mas a palavra não é usada no sentido de «refluxo das águas» em qualquer língua indiana. O nosso autor supõe que aos Portugueses fôsse dito que êsse «refluxo» era causado por um *makara* que vinha devorar os homens, e que êles teriam tomado isso por nome vernáculo. Esta explicação engenhosa pode talvez ser correcta. Parece claro que os termos franceses derivam do Português, e não o inverso. Mgr. Dalgado pensa que a forma *macrée* foi primeiro adoptada, e *mascaret* formou-se mais tarde com a inserção dum *s*, do mesmo modo como *pateca*, melancia, que se transformou em *pastèque*. As palavras francesas eram desconhecidas antes do século XVI, e não parece que qualquer origem francesa tenha sido sugerida.

Será tarefa difícil descobrir erros ou defeitos nesta obra, mas numa empresa de tão notável magnitude é inútil dizer que alguns deve haver. Posso referir-me apenas a um na palavra *sadi*, termo derivado do persa e usado em Hurmuz por uma importância de 100 *dinars*. O autor compara-o ao *sedeo*, termo que significa dinheiro de conta, usado no Gujarate. Creio, porém, que não há dúvida, como mostrei numa nota sobre a passagem em que se diz (Livro de Duarte Barbosa, Hakluyt Soc., vol. I, p. 156) que *sedeo* é um erro por *fedeo*, que estava em uso frequente no século XVI

(1) [Vid. *Bolet. da 2.ª cl. da Academia das Sc. de Lisboa*, t. x, p. 802. D'este artigo fez-se separata com o título de *Gonçalves Viana e a Lexiologia portuguesa*, Lisboa, 1916. — J. L. DE V.]

(2) [Longworth diz por equívoco «Philologia» em vez de «Lexiologia»: artigo também inserto no *Bolet. da 2.ª cl. t. ix*, e publicado em separata. O opusculo tem a data de «1916» e não de «1917», como também por equívoco se lê acima. — J. L. DE V.]

(veja-se *Hobson-Jobson*, s. v. *Fedea*) e que não tem nenhuma relação com o *sadi* de Hurmuz.

Mgr. Dalgado é conhecido desde há muito pelos seus estudos sobre as relações entre o português e as línguas do Oriente, não sómente as da Índia, mas as inumeráveis línguas faladas desde a África Oriental até ao Japão. Em aditamento ao seu trabalho sobre Gonçalves Viana, já mencionado, foram publicados pela Academia das Ciências as seguintes: *Influência do Vocabulário Português nas Línguas Asiáticas* (Lisboa, 1913), *Contribuições para a Lexiologia Luso-Oriental* (Lisboa, 1916). Publicaram-se os seus Dicionários *Concani-Português* e *Português-Concani*, o primeiro em Bombaim (1893), o segundo em Lisboa (1905). Tem também publicado muitos estudos sobre os dialectos ainda existentes do português na Índia e Ceilão.

Neste monumental *Glossário* está o resultado de todo o seu trabalho compendiado e disposto de forma conveniente; e é de esperar que os estudiosos de Inglaterra e da Índia que não conheciam o português se esforcem por obter suficiente conhecimento daquela língua para poderem aproveitar a grande cópia de ensinamentos valiosos que estes volumes contêm.

M. LONGWORTH DAMES.

(Tradução publicada no *Heraldo* de Nova Goa de 20 de Julho de 1921, e d'aí transcrita para a *Revista Lusitana*).

4.

(Portaria de Louvor)

Tendo a Academia das Ciências de Lisboa remetido ao Ministério da Instrução Pública um exemplar do *Glossário Luso-Asiático* (2 vols. em 4.º de pp. 535 e 580, Coimbra 1919-1921), composto por MONSENHOR SEBASTIÃO RODOLFO DALGADO, Sócio Correspondente da mesma Academia e Professor da língua e literatura sânscrita na Faculdade das Letras de Lisboa, no qual o seu autor mostra possuir um extenso conhecimento das línguas áricas e dravidicas do Indostão, da língua arábica e da persiana e das línguas faladas no Extremo-Oriente;

Considerando que o mesmo *Glossário Luso-Asiático* compreende cerca de 5:500 vocábulos de origem oriental, que se leem nas obras dos escritores portugueses, que narram os feitos gloriosos dos nossos maiores na Ásia, dando-se dos mesmos vocábu-

los a etimologia e as significações primitiva e usual, comprovadas por numerosas citações de escritores nacionais e estrangeiros, dispostas cronologicamente, e com indicação das obras de que são extraídas;

Considerando que o mesmo *Glossário Luso-Asiático* é não só uma valiosa e extensa contribuição para o dicionário da língua portuguesa, mas também um poderoso auxiliar para a compreensão das obras dos escritores que se ocupam dos negócios do Oriente;

Atendendo a que a Academia das Ciências de Lisboa, que tem manifestado sempre notável zelo e actividade, promovendo o progresso das sciências e o gosto das belas letras, considera o *Glossário Luso-Asiático* como uma das mais importantes e úteis das suas publicações feitas nos últimos anos;

Atendendo a que o *Glossário Luso-Asiático* foi anunciado muito favoravelmente no *Royal Asiatic Society*, de Londres, por Mr. Longworth Dames, e na *Société Asiatique* de Paris por Mr. Jules Bloch;

O Governo da República Portuguesa manda comunicar ao presidente da Academia das Ciências de Lisboa que lhe foi muito agradável constatar que a mesma Academia continua a empregar os seus esforços, promovendo a cultura das sciências e das letras e a sua difusão, como principal objecto do seu instituto; e louvar MONSENHOR SEBASTIÃO RODOLFO DALGADO pelo zelo, perseverança e desinteresse com que perfez tão útil obra, que revela extensos conhecimentos linguísticos e grande erudição da história e etnografia.

Paços do Governo da República, 12 de Agosto de 1921.

O Ministro da Instrução Pública,

ANTÓNIO GINESTAL MACHADO.

(Do *Diário do Governo* de 18 de Agosto de 1921).

Dr. Leo Spitzer, Privatdocent an der Universität Wien: *Aufsätze zur romanischen Syntax und Stilistik. Halle a. S., Verlag von Max Niemeyer. 1918. 8.º, p. 392.*

Nesta obra colige o bem conhecido romanista uma série de estudos, já na maior parte publicados em revistas da especialidade ou nas comunicações de um instituto académico.